



Opinião Econômica

Lorena Hakak

Doutora em economia e professora da FGV. Atua como presidente da GeFam (Sociedade de Economia da Família e do Gênero)



Estereótipos de gênero e seus impactos nas escolhas pessoais

Alocação do tempo entre atividades remuneradas e não remuneradas tem efeito importante na diferença salarial

Alice e João estão casados há 20 anos e têm dois filhos, de 17 e 18 anos. Após a maternidade, Alice procurou uma ocupação que exigisse menos horas de trabalho para conciliar o trabalho do casal e os cuidados com os filhos. Seu marido, por sua vez, foi promovido e assumiu uma maior carga de trabalho. Hoje, a diferença salarial entre eles é de, aproximadamente, 20%, refletindo um padrão comum em muitos casais.

Homens e mulheres frequentemente tomam diferentes decisões de carreira. As mulheres, por exemplo, são minoria em áreas mais bem remuneradas, como as carreiras STEM [Science, Technology, Engineering and Maths, em português: ciência, tecnologia, engenharia e matemática], e têm

menor participação na força de trabalho, muitas vezes em empregos de meio período.

A alocação do tempo entre atividades remuneradas e não remuneradas tem um efeito importante na diferença salarial entre homens e mulheres. Quando uma pessoa trabalha em tempo parcial, ela acumula menos experiência e tem menor probabilidade de ser promovida. Uma outra diferença é que as mulheres, em média, assumem tarefas que são menos valorizadas na hora da promoção do que seus colegas homens. Assim, homens e mulheres acabam obtendo resultados diferentes.

Segundo a palestra ministrada pela professora da Universidade de Chicago Marianne Bertrand

no 5º Encontro da Gefam, que ocorreu no Insper em setembro deste ano, essas diferenças podem acontecer por diversas razões. Uma possível explicação seria a ideia de que as mulheres têm diferentes habilidades e preferências. Seriam elas mais hábeis em atividades de cuidado e menos em matemática? Ou simplesmente não gostam tanto de matemática? Um outro aspecto que pode estar por trás dessas diferenças são os estereótipos de gênero. “As diferentes escolhas são um reflexo de estereótipos poderosos sobre habilidades específicas de gênero e papéis específicos de gênero.”

Os estereótipos de gênero podem ter uma natureza descritiva, ou seja, crenças sobre o que homens e mulheres geralmente

fazem (ou como eles geralmente são) e o que eles farão (ou serão).

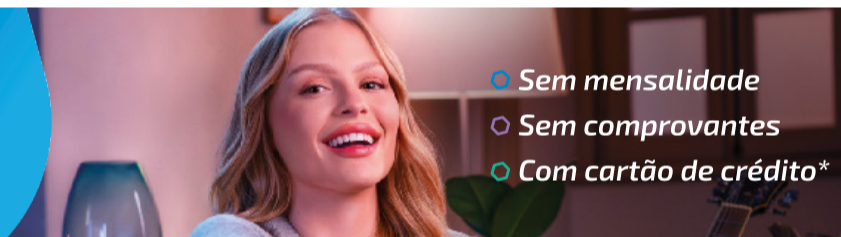
Na teoria econômica, eles podem se manifestar quando observamos discriminação estatística contra um determinado grupo. Já a psicologia social considera os estereótipos como esquemas cognitivos que permitem uma pessoa a categorizar de forma simplificada e viesada outras pessoas, geralmente sem base racional.

Além disso, a psicologia social destaca que os estereótipos de gênero não são apenas descritivos, mas também prescritivos. As crenças, compartilhadas por homens e mulheres, se baseiam no que cada gênero deve ou deveria fazer (ou como deve ser ou deveria ser). Essa natureza prescritiva dos estereótipos de gênero

leva homens e mulheres a ajustarem seus comportamentos e escolhas de vida de acordo com o que é visto como apropriado para seu grupo.

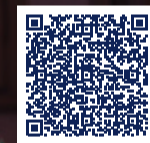
Normas e estereótipos são, muitas vezes, transmitidos entre gerações e internalizados pelos indivíduos. Porém, as sociedades são dinâmicas e, mesmo que lentamente, normas sociais e estereótipos se alteram ao longo do tempo. Políticas públicas e mudanças legislativas podem colaborar quando respondem às pressões da sociedade. É o que observamos em muitos países com a expansão das creches em tempo integral, das leis do divórcio, aborto, violência doméstica, extensão da licença paternidade, entre outras.

A Conta Digital do Banri é um sucesso.



- Sem mensalidade
- Sem comprovantes
- Com cartão de crédito*

Baixa o app:



banrisul

*Sujeito à análise de crédito.

Produtores de pecan projetam safra cheia e negócios em alta



Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Os produtores brasileiros de noz pecan vivem grande expectativa e projetam bons negócios em 2025. Isso porque o desenvolvimento dos pomares na atual safra sinaliza um potencial de colheita em torno de 7 mil toneladas - mais do que o dobro da obtida neste ano, em virtude dos problemas climáticos -, com preços igualmente atrativos.

Os Estados Unidos, segundo maior produtor da fruta, com cerca de 130 mil toneladas anuais, tiveram suas plantações atingidas pelos fortes furacões que assolaram o país nas últimas semanas, impactando a produção. E já estimam quebra de 15%. E o desdobramento imediato foi a elevação dos preços internacionais, oscilando entre US\$ 3,50 e US\$ 4 o

quilo, com casca.

Conforme o presidente do Instituto Brasileiro de Pecanicultura (IBPecan), Eduardo Basso, a produção nacional representa apenas 2% do volume global. O País ingressou no mercado internacional como exportador há apenas três anos, tendo comercializado cerca de 500 toneladas em 2022. Mas para 2025, ele acredita que até 2 mil toneladas podem ser negociadas para além das fronteiras. A colheita se inicia em abril, e o Rio Grande do Sul é responsável por 65% da produção nacional.

“Além do mais, pela baixa produção no último ciclo, entraremos o ano sem estoque do produto. E as indústrias deverão ter demanda maior do que o normal. Atualmente, somos importadores, estamos trazendo da Argentina entre 150 toneladas e 250 toneladas para abastecer o nosso mercado interno. Há um mercado imenso de oportunidades e de crescimento para o setor. Precisamos nos desenvolver mais”, diz Basso.

Dos cerca de 10 mil hectares plantados, 7 mil estão em produção - os pés têm um ciclo de oito a 10 anos para dar frutas em volume comercial. Mas o dirigente estima que em 2030 já serão 10 mil hectares na ativa, produzindo até 12 mil toneladas.

“Nosso consumo interno deverá ser de aproximadamente 7 mil toneladas, com outras 5 mil podendo ser colocadas no mercado internacional. O desafio é nos prepararmos com qualidade e variedade de produtos, que já são vários, e há pesquisas interessantes em desenvolvimento, inclusive para exploração da casca como biomassa”, projeta.

A cultura, embora com custo de produção estimado entre R\$ 15 mil e R\$ 20 mil por hectare, oferece ótima rentabilidade, quase dobrando o valor investido a cada safra - para a noz com casca. E há muitos produtores, além das indústrias, que já estão colhendo, descascando e processando em casa, para vender nas suas regiões, a preços na casa de R\$ 80,00 por quilo.



IBPECAN/DIVULGAÇÃO À O/JC

Brasil pode colher 12 mil toneladas de pecan em 2030, projeta IBPecan

O momento, projeta Eduardo Basso, é de fortalecer o setor. A abertura da China, maior importador do produto no mundo, para a entrada de noz pecan descascada do Brasil, ocorrida neste ano, é considerada fundamental. Por isso, as indústrias já estão se habilitando junto ao Ministério da Agricultura e ao governo

do país asiático para aproveitar a oportunidade.

“As indústrias já começam a ter volume para exportação de produtos, com e sem casca. Vivemos um momento de amadurecimento dos empresários, para participar do mercado internacional com qualidade. E isso é ótimo”, conclui o dirigente do IBPecan.